

ALESSANDRO
ELOY BRAGA

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Referência:

BRAGA, Alessandro Eloy. "O lirismo de Renato Russo e o percurso do esclarecimento". In *Renato Russo: lirismo e esclarecimento*. Brasília: Edição do autor. 2024, p. 59-134.

Disponível em:

<http://www.renatorussolirismoeescclarecimento.com.br>

@renatorussolirismo

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



3.

O LIRISMO DE RENATO RUSSO E O PERCURSO DO ESCLARECIMENTO

*Não sou escravo de ninguém
Ninguém é senhor do meu domínio
Sei o que devo defender
E por valor eu tenho
E temo o que agora a se desfaz.*
Renato Russo

Renato Russo, quase que na totalidade de sua obra, segue o modelo socrático e platoniano, construindo seus poemas na forma de diálogos. Diálogos estes ora travados pelo eu-lírico com ele mesmo, de forma intrapessoal; ora com um interlocutor amoroso; ora com a coletividade da juventude com a qual este eu-lírico se preocupa e se sente partícipe; ora com o sistema de poder e algoz o

qual o eu-lírico sente e sabe que controla a todos e tenta também o oprimir, controlá-lo e usá-lo por meio de suas mais diversas armas.

Renato Russo oferece a nós leitores e ouvintes uma obra poética em que diversos temas de ordem sentimental, política, sociológica, histórica, espiritual e metalinguística são abordados com profundidade de ideias e argumentos e por meio de uma linguagem que, embora baseada no pensamento filosófico, apresenta-se, seja pelos argumentos, seja pelas palavras escolhidas, sempre acessível ao receptor a que se destina.

Um receptor que o poeta entende ser uma juventude que tem sido manipulada por um Sistema de interesses e poder a que ela serve inconscientemente. Uma juventude imatura que vive dilemas, problemas e inseguranças e que, por isso, precisa de alguém que a ajude a abrir seus olhos, que provoque o esclarecimento das verdades mascaradas por formas de prazer vazias e de sonhos de celebração individualizados e egoístas. Uma juventude que se transformou na engrenagem mais importante para o funcionamento e para a disseminação de uma nova ordem de po-

der baseado no lucro e em uma estrutura de mercado, onde tudo e todos foram coisificados e se tornaram produtos a serem comercializados e consumidos desumanamente.

Nesta nova ordem, quanto mais precoce a conversão, por mais tempo os convertidos poderão ser explorados enquanto se deleitam nos falsos prazeres vazios. Tornam-se meros soldados controlados, manipulados e enganados pelos senhores da guerra.

Ou seja, os textos de Renato Russo, mesmo aqueles que se caracterizam como narrativas e não como poemas líricos, consistem em expressões de seu esclarecimento e a tentativa constante de disseminação desta consciência para uma libertação e para um amadurecimento racional e emocional entre o público que toma contato com sua obra poético-musical.

Parece não ser por acaso que a obra poética de Renato Russo com a Legião Urbana é inaugurada com a frase “Tire suas mãos de mim, eu não pertenço a você”, verso que inicia o poema *Será*¹⁷, e que explicita, desde o início, a liberdade inerente ao esclarecimento e reivindicada pelo sujeito esclarecido.

A afirmação da consciência do estado de liberdade que é trazida à tona pelo esclarecimento em *Será* é a afirmação que inaugura, diante do público, a larga obra poética que estava por vir e que serviria, posteriormente, como palco para reafirmar, constantemente, o estado de consciência esclarecida do eu-lírico de Renato Russo e que seria usado pelo poeta para celebrar o esclarecimento e fomentá-lo em meio àqueles que se dispusessem a tomar contato com a obra do cancionista da Legião Urbana.

É importante dizer que referências ao estado de esclarecimento não estão presentes em todos os seus poemas nem tampouco percorridos na completude do texto de cada poema, mas sim espalhados por seus versos, e entremeados nos contextos de vários de seus poemas por meio de representações metafóricas. Contudo, de qualquer maneira, mesmo que os poemas ou vários versos não façam alusões diretas ao esclarecimento, este emana como leituras de mundo feitas pelo poeta por meio de seu eu-lírico.

Diante disto, o que pretendo com os leituras de alguns dos poemas que se segui-

rão é apontar momentos em que Renato Russo usa seu eu-lírico para: fazer referências diretas ao esclarecimento em si; para expressar e refletir sobre seu estado de esclarecimento; usar seu estado de esclarecimento para discutir questões e problemas emocionais e sociais inerentes aos seres humanos.

A obra poética de Renato Russo percorre o mesmo percurso trilhado por aquele sujeito que alcança o esclarecimento. Percursos este que apresenta três estágios a que poderíamos chamar de: a *resistência*, a *cautela*, a *desilusão*.

A *resistência* compreende a juventude. É o momento da descoberta das primeiras verdades, gerando um estado de revolta mais passional que racional. É caracterizada pela defesa de ideologias, pela denúncia da desumanidade, pelo grito, pelo gesto brusco, pela resiliência. É marcada pela certeza da possibilidade em uma revolução coletiva e na superação do Sistema pelos indivíduos unidos. É o estágio em que, é preciso uma ideologia para viver; como cantava Cazuza.

A *cautela* se inicia com a entrada na vida adulta. Os sonhos vão sendo aos poucos

abandonados, frustrados um por um pelas derrotas que vão suplantando quaisquer possibilidades de revolução coletiva e transformação do *status quo* de maneira abrupta. As ideologias, frustradas, vão se esvaindo deixando de ser necessárias para se viver porque resultaram inúteis. Sentindo-se cada vez mais fraco, as ações se tornam mais tímidas, apesar de a esperança ainda resistir. Embora a certeza da constância do Sistema se agigante, a consciência do mundo e a sensibilidade em relação à servidão permanecem intocadas e imaculadas, mesmo se convertendo passo a passo em dor crescente. É o estágio de transição entre a energia da rebeldia e o cansaço da *desilusão* que há de vir.

A *desilusão* chega quando todos os sonhos e esperanças estão mortos e a única coisa restante ao sujeito esclarecido é se voltar para si, mergulhando em um processo de reflexão sobre sua própria existencialidade, resgatando lembranças, revalorizando as pequenas coisas de sua vida. A afirmação de seu estado de esclarecimento, de sua liberdade e de sua integridade permanecem. Inicia-se um estado permanente de resignação, em

oposição à resiliência dos tempos de *resistência* e a esperança da *caultela*. Calados, os gritos proferidos na juventude, ficam o silêncio e a vivência e a disseminação do Amor pleno e universal, seu bem mais precioso, torna-se a única ação possível.

Diante de todo este percurso e durante todos estes estágios, o eu-lírico de Renato Russo se mantém sempre de olhos abertos, de mente desperta e ativa e de coração condoído. A postura fraterna de também despertar as outras pessoas é uma constante, embora, frente à consciência da impossibilidade de uma mobilização coletiva, a vontade de abraçar o mundo vai dando lugar à mão estendida a um e a outro que se disponham a ver e ouvir. Desta maneira, o eu-lírico jamais abandona a concepção expressa por Octavio Paz, fazendo do poema e da poesia um espaço de sobrevivência sempre fundamentado na incessante e incorruptível fraternidade.

Este processo experimentado pelo eu-lírico de Renato Russo se assemelha, àquele percorrido pelo eu-lírico do poeta Carlos Drummond de Andrade, e que se resume,

muito bem, nas etapas verificadas por Affonso Romano de Sant'Anna⁴⁵, pelas quais passa o eu-lírico do itabirano: o eu maior que o mundo [*resistência*]; o eu igual ao mundo [*cautela*]; o eu menor que mundo [*desilusão*].

Na obra poética de Drummond, segundo Affonso Romano de Sant'anna, este percurso do eu-lírico atinge seu auge quando há, enfim, o desvendar do enigma do mundo que se torna claro: o mundo é uma máquina invencível a que todas as pessoas estão presas e agindo apenas para que as engrenagens desta máquina nunca cessem. Este mesmo claro enigma é trazido à luz pelo eu-lírico de Renato Russo e por todas aquelas pessoas que, sendo sujeitos de sua existencialidade, se tornam esclarecidos.

Neste contexto, a presença do esclarecimento na poesia de Renato Russo se apresenta sempre na forma de expressões de consciência própria diante das coisas da vida, nos oferecendo constantes reflexões e revelações sobre os vários temas abordados em seus poemas e fazendo chamamentos para também buscarmos o esclarecimento.

⁴⁵ Cf. SANT'ANNA (1992).

Sobre estes temas, a poesia de Renato Russo é, a todo o tempo, a expressão de epifanias experimentadas pelo seu eu-lírico, o qual se dispõe a explicitar, no discurso do poema, a realidade que ele vê e a compartilhar com outras pessoas que ainda não conseguem ver a verdade das coisas. Epifania esta que é “um modo de descobrir o real e ao mesmo tempo um modo de defini-lo através de discurso”⁴⁶.

Esta característica de sua poética demonstra um lirismo em que impera o esclarecimento e indica que este poeta é alguém que emergiu da escuridão e passou a usar o estado de esclarecimento a seu favor e em favor de todos aqueles que se prestarem a manter um contato crítico com sua obra.

Se consideradas como obras isoladas, ou poemas, de Renato Russo expressam o esclarecimento de seu eu-lírico sobre aspectos isolados da vida emocional e/ou da vida social, majoritariamente, experimentada pelos jovens. Se tomadas como partes de um todo,

⁴⁶ UMBERTO ECO (1962) *apud* SANT'ANNA (1992, p. 244).

estes mesmos poemas são a expressão da capacidade do eu-lírico esclarecido de perceber e compreender o funcionamento de uma estrutura historicamente organizada a que podemos chamar de 'Sistema'. Este Sistema dirige a vida e as escolhas dos jovens e de todas as sociedades, manipulando-os para aquilo que este Sistema deseja que eles sejam ou se tornem.

Em qualquer uma destas duas alternativas de abordagem da obra poética de Renato Russo, o que emana de seus poemas é a capacidade de enxergar o mundo sem as máscaras que falseiam, que escondem tudo o que parece dado ao acaso, mas é imposto especialmente aos jovens. Por que os jovens? Porque eles são o presente e o futuro da sociedade. Eles são os filhos e serão os pais. Eles são os pretensos rebeldes que se tornarão soldados da conformidade. Eles são consumidores e sobretudo os consumidos.

Isso posto, mostrarei como os poemas de Renato Russo, publicados nos álbuns da Legião Urbana, apresentam um caráter esclarecido, como fazem referências ao esclarecimento e como desenham os estágios do ca-

minho que a pessoa esclarecida vivencia no percurso de sua existencialidade. Mostrarei que, se tomados como um todo, os poemas de Renato Russo desenhavam uma estrutura complexa e madura que se organiza em torno de um eixo: o esclarecimento.

3.1

Uma síntese da presença do esclarecimento nos álbuns da Legião Urbana

Renato Russo criou um eu-lírico que, do primeiro ao último poema, se mostra em constante reflexão sobre a complexidade das relações intrapessoais e interpessoais e sobre a pluralidade de facetas das relações sociais.

Não raro, em seus poemas, ele usou um discurso fragmentado, não-linear, um vai e vem entre lembranças de uma juventude de *resistência* imediatamente seguidas por uma postura ora de *cautela*, ora de *desilusão* em relação ao presente. Fragmentação que pode ocorrer dentro de um mesmo poema ou de um poema para outro dentro de um mesmo álbum da Legião Urbana.

Essa fragmentação do discurso sugere um fluxo argumentativo que, de forma singular, transita pelos três estágios do percurso do esclarecimento. Este fluxo sinuoso reflete o turbilhão de pensamentos e sentimentos que se misturam na mente e no coração de alguém que se relaciona muito intensamente com o mundo. Alguém que deseja criar uma revolução ao mesmo tempo se sente incapaz diante da desumanidade reinante.

Ao contrário do que se costuma afirmar, Renato Russo não foi porta-voz de ninguém. Ele foi porta-voz somente de suas próprias verdades. Ele criou seu eu-lírico para ser uma voz autônoma, livre e esclarecida que se comunica com seus receptores para sensibilizá-los e provocá-los a pensar sobre o mundo, sobre sua existencialidade. Ele criou um eu-lírico para externalizar suas ponderações, para pensar e revelar seu percurso de vida intelectual e emocional para, talvez, servir de inspiração para as pessoas que se interessarem em ter contato com sua obra.

A forma encontrada por ele para esta expressão foi um discurso centrado na primeira pessoa – característica do lirismo –, com

a predominância da função emotiva da linguagem em diálogos intrapessoais. Há também poemas cujo discurso apresenta a função apelativa da linguagem, estabelecendo um pseudo diálogo com uma segunda pessoa que nunca é identificada tampouco tem voz, mas que pode ser todos que ouvem sua voz. Há ainda poemas escritos usando a função referencial da linguagem, em que o eu-lírico faz denúncias e expõem problemas que o indignam ou para os quais busca respostas.

Há um eu-lírico a pensar sobre tudo ao mesmo tempo que sente e se condói. Ele compartilha sua interpretação de mundo ora por meio de afirmações, ora por de questionamentos inquietantes cujas respostas ficam no ar, para provocar e possibilitar o pensamento autônomo e livre de seus receptores.

Ele deseja que seus receptores se inquietem, que, ao serem provocados, busquem também a *luz*, palavra cujo uso nos poemas de Renato Russo sempre se refere a saber algo, descobrir, perceber, compreender, conhecer, abrir os olhos, ou seja, representa o esclarecimento, a iluminação para a saída da escuridão da alienação, da ignorância, da insen-

sibilidade, através do pensamento sensível, para iniciar a sua própria caminhada rumo ao esclarecimento que o eu-lírico já atingiu.

Mas o eu-lírico de Renato Russo revela que o percurso até o esclarecimento é um caminho árduo, repleto de sofrimentos e frustrações. Em muitos momentos o sujeito se sente fraco diante do mundo que se impõe a todos de forma desumana. Diante de todas as adversidades que lhe são impostas, para persistir no caminho, ele se agarra aos três tesouros que a iluminação lhe deu: a liberdade intelectual e emocional, a integridade, o amor fraterno e pleno. Nada é fácil para aquele que decide ser consciente e o eu-lírico de Renato Russo não poupa os receptores desta verdade.

Renato Russo fez da sua poesia um espaço de fraternidade e de fomento do poder da imaginação humana. Isto estabelece uma convergência entre sua poesia e o pensamento de Octavio Paz: “O poema é um modelo de sobrevivência fundada na fraternidade”⁴⁷. Ele fez da sua poesia uma luz que emanou do chão fértil de seu coração; o que vai ao encontro das proposições de Ferreira

⁴⁷ PAZ (1993, p. 148).

Gullar sobre o fazer poético: a poesia é uma luz, “que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens”⁴⁸. A poesia de Renato Russo nasceu iluminada de suas mãos e de seu espírito.

Na abordagem que farei dos álbuns, escolherei alguns poemas para mostrar como o desenvolvimento dos três estágios do percurso do esclarecimento no lirismo de Renato Russo. Neste percurso, vejo um único eu-lírico que conta sua vida no decorrer dos álbuns e os costura como uma única obra poética.

Os poemas escolhidos para as leituras pormenorizadas que se seguirão foram selecionados com o intuito de explicitar a presença de elementos textuais caracterizadores de uma atitude esclarecida diante dos temas abordados.

3.1.1 - O álbum *Legião Urbana* (1985)

O primeiro álbum da Legião Urbana mostra a representação de um eu-lírico que vai da intensidade da juventude rebelde à ma-

⁴⁸ GULLAR (2006, p. 152).

turidade da consciente resignação diante da imutabilidade e invencibilidade do poder do Sistema que rege a vida. Porque, como disse Renato Russo: “o sistema é mal”⁴⁹.

No conjunto dos poemas do primeiro álbum, há a predominância da *resistência*, embora haja também poemas ligados à *cautela* e à *desilusão*.

Enquanto *resistência*, o eu-lírico afirma sua liberdade, questiona acontecimentos, convoca revoltas coletivas dos jovens e denuncia violências sociais. Enquanto *cautela*, o eu-lírico sente-se desolado diante de sonhos frustrados, perdas afetivas e relações superficiais. Enquanto *desilusão*, o eu-lírico reconhece que todas as suas lutas e todos os seus sonhos de mudar o mundo e vencer o Sistema foram em vão, ficando a certeza de que, depois de tudo, nada mudou, restando-lhe apenas sua solidão, sua liberdade de amar plenamente e a resignação.

“Geração Coca-Cola” é o momento em que o eu-lírico de Renato Russo expressa mais fortemente o pensamento e os sentimentos

⁴⁹ Verso do poema “Vamos fazer um filme”, publicado no álbum *O descobrimento do Brasil* (1993).

que caracterizam o primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*.

- 1 Quando nascemos fomos programados
- 2 A receber o que vocês nos empurraram
- 3 Com os enlatados dos U.S.A., de nove às seis
- 4 Desde pequenos nós comemos lixo
- 5 Comercial e industrial
- 6 Mas agora chegou nossa vez
- 7 Vamos cuspir de volta o lixo
- 8 Em cima de vocês
- 9 Somos os filhos da revolução
- 10 Somos burgueses sem religião
- 11 Somos o futuro da nação
- 12 Geração Coca-Cola
- 13 Depois de vinte anos na escola
- 14 Não é difícil aprender
- 15 Todas as manhas do seu jogo sujo
- 16 Não é assim que tem que ser
- 17 Vamos fazer nosso dever de casa
- 18 E aí então, vocês vão ver
- 19 Suas crianças derrubando reis
- 20 Fazer comédia no cinema com as suas leis
- 21 Somos os filhos da revolução
- 22 Somos burgueses sem religião
- 23 Somos o futuro da nação
- 24 Geração Coca-Cola

Todo o poema parece um grito de protesto de um jovem que se assume como porta-voz do que poderia ser uma ira coletiva que desembocaria em uma revolução. Porém, o

poema é o grito de uma voz solitária, ainda ingênua em sua crença. Um porta-voz de si mesmo. Um jovem no início de seu esclarecimento, que se dispõe a conclamar outros jovens a também acordarem para a realidade acerca do domínio do pensamento, dos sentimentos e do comportamento que uma força maior e absoluta impõe sobre todos desde a infância em uma manipulação e opressão disfarçada de entretenimento e prazer. Esta força é o Sistema, para o qual o eu-lírico do poema dirige sua voz insurgente.

A partir desta proposição, o discurso do poema apresenta duas pessoas. A voz em primeira pessoa do plural corresponde ao eu-lírico se assumindo como voz de toda a juventude: “Quando nascemos fomos programados” (v.1). A voz direcionada à segunda pessoa representa o diálogo do eu-lírico com o Sistema multifacetado: “A receber o que vocês nos empurraram” (v.2).

Toda insurgência se fundamenta na tomada de consciência do eu-lírico de um processo de dominação sistemático que utiliza a indústria midiática como instrumento de alienação das pessoas desde a mais infância, a fim de satisfazer uma fome incessante por

prazer. Repete-se política do *pão e circo*: o *pão* é o prazer e o *circo* a indústria midiática. É um Sistema que faz uso de sua instrumentalização para programar o pensamento, os sentimentos e o comportamento das pessoas.

Nota-se que a revolta e a rebelião parte da juventude, não das pessoas com mais idade. É importante lembrar que, entre os três estágios do esclarecimento, o primeiro estágio da *resistência*, caracterizado por uma consciência do mundo, é comumente vivido na juventude e não na vida adulta, embora ainda imaturo e influenciado por ideologias várias.

“Geração Coca-Cola” é um grito sobre uma juventude que é resultado de um modelo de controle baseado na alienação pelos falsos e fugazes prazeres e do divertimento, em que eles passam a se interessar mais pela vida de personagens fictícios dos programas midiáticos (“os enlatados dos U.S.A.”), tomando-os como modelos célebres. Distraída, esta juventude não se preocupa em se atentar para a estrutura de controle por trás de todo este processo sistemático e pseudo prazeroso, enquanto comem mais e mais do “lixo comercial e industrial” (v.1-8).

Da voz do eu-lírico ressoa o grito de revolta, o grito de alguém que não acredita mais nas mentiras contadas a ele pelo Sistema que visa o lucro, “burguesa” e que faz de seus filhos novos burgueses. Uma voz que também grita contra as religiões, que funcionam como instrumentos de doutrinação, ensinando, desde o nascimento das pessoas, no que acreditar, como sentir, o que é certo e errado e a se sentir culpados. É a voz de um jovem que vê em si e nos seus pares um novo comportamento que pode vir a ser o futuro.

Por outro lado, o eu-lírico é um jovem (entre poucos) que percebeu que todos os anos que passou no espaço da escola, tudo o que lá aprendeu com professores e os livros é o que fez dele uma pessoa consciente das “manhas” e do aparato do Sistema. Agora, tomando consciência das coisas e iniciando seu trajeto pelo esclarecimento, o jovem quer colocar em prática o que aprendeu e fazer o seu “dever de casa”. Neste momento, aquele jovem que foi alienado e controlado, que perdeu a inocência da infância, deixou de ser criança e ergue sua voz para derrubar os “reis” e “suas leis”, para rir e ridicularizar a estrutura de poder que antes o oprimia (v.13-20).

Para ilustrar o segundo estágio do percurso do esclarecimento no álbum *Legião Urbana*, escolhi o poema “Soldados”.

- 1 Nossas meninas estão longe daqui
- 2 Não temos com quem chorar
- 3 E nem pra onde ir
- 4 Se lembra quando era só brincadeira
- 5 Fingir ser soldado a tarde inteira?
- 6 Mas agora a coragem
- 7 Que temos no coração
- 8 Parece medo da morte mas não era então
- 9 Tenho medo de lhe dizer
- 10 O que eu quero tanto
- 11 Tenho medo e eu sei o porquê
- 12 Estamos esperando
- 13 Quem é o inimigo?
- 14 Quem é você?
- 15 Nos defendemos tanto, tanto sem saber
- 16 Porque lutar
- 17 Nossas meninas estão longe daqui
- 18 E de repente eu vi você cair
- 19 Não sei armar o que eu senti
- 20 Não sei dizer que vi você ali
- 21 Quem vai saber o que você sentiu?
- 22 Quem vai saber o que você pensou?
- 23 Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
- 24 Como explicar pra você o que eu quis
- 25 Somos soldados
- 26 Pedindo esmola
- 27 A gente não queria lutar

Este poema mostra um momento de epifania vivido pelo eu-lírico. Ele se dá conta da inutilidade da rebeldia e sua luta. Usando a imagem de soldados em meio a uma guerra para representar os conflitos vividos por ele e seus pares, o eu-lírico explicita suas dúvidas, angústias e a necessidade de *cautela* diante do turbilhão de acontecimentos que passa a enfrentar. A *cautela* está representada no medo da morte, no medo da solidão, na espera para ver o que acontecerá, na mudança de pensamento da certeza da luta para a certeza de não querer mais lutar. Ao encarar a violenta realidade que antes se disfarçava atrás de brincadeiras quando não percebia a seriedade das coisas, a coragem de outrora se converte em medo e insegurança.

As relações afetivas festivas, apaixonadas ou descompromissadas ficam para trás: agora “nossas meninas estão longe daqui” (v.1), juntamente com todos aqueles que lhe serviam de apoio: “não temos com quem chorar e nem pra onde ir” (v.2-3). A solidão começa a ser a realidade e aquele sonho de coletividade se desfaz.

Tomarei o poema “Por enquanto”, que se segue, como exemplo para ilustrar, neste primeiro álbum da Legião, a presença do terceiro estágio do esclarecimento: a *desilusão*.

- 1 Mudaram as estações
- 2 E nada mudou
- 3 Mas eu sei
- 4 Que alguma coisa aconteceu
- 5 Está tudo assim tão diferente
- 6 Se lembra quando a gente
- 7 Chegou um dia a acreditar
- 8 Que tudo era pra sempre
- 9 Sem saber
- 10 Que o pra sempre
- 11 Sempre acaba
- 12 Mas nada vai
- 13 Conseguir mudar o que ficou
- 14 Quando penso em alguém
- 15 Só penso em você
- 16 E aí então estamos bem
- 17 Mesmo com tantos motivos
- 18 Pra deixar tudo como está
- 19 E nem desistir, nem tentar
- 20 Agora tanto faz
- 21 Estamos indo de volta pra casa

No poema “Por enquanto”, o eu-lírico se dedica a refletir sobre todo o processo de sua vida. Estabelecendo um diálogo com um receptor não identificado, o eu-lírico inicia o poema com a consciência de que, após a pas-

sagem de todo o tempo que viveu (a mudança das estações), ao final, nada muda, toda a estrutura do Sistema continua a mesma: “mudaram as estações e nada mudou”.

Ele relembra o tempo em que acreditava em ideologias e nas lutas e que a energia de sua juventude duraria para sempre: “se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre” (v.6-7).

Com o passar do tempo, ele percebe que sua capacidade de lutar tem um fim. Que a força de suas crenças ideológicas tem um fim. Que as conquistas que achava que havia feito foram apenas ilusões: nada está diferente no mundo que o cerca. A única mudança foi em seu íntimo: seu amadurecimento com o passar das estações: “mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo assim tão diferente”. A *resistência* da juventude se transformou, por fim, na *desilusão* da maturidade tardia.

Assim, em seu íntimo, ele tem consciência e sente que nem mesmo a imutabilidade do Sistema que rege a vida é capaz de tirar dele os seus bem mais precisos e liber-

tadores: o Amor e seu esclarecimento, aquilo que ficou (v.12-16):

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou.
Quando penso em alguém só penso em
você aí então estamos bem.

Neste final da linha da vida, o eu-lírico conclui que não há sentido nem frutos que resultaram das lutas coletivas ou individuais como soldados, com os pares da Geração Coca-Cola, com as denúncias de violência em “Baader Meinhof Blues”, de sexismo em “A dança”, de marginalização em “O Reggae”, ou na tentativa de entender o comportamento humano em “Será”, “Teorema”, “Perdidos no espaço”. Foram todas ações movidas pela crença em ideologias, pelos questionamentos a serem respondidos, pelas lutas que travou contra o Sistema na tentativa de mudar o fluxo das coisas da vida. Lutas frustradas que são “motivos para deixar tudo como está”.

Por fim, não há mais pelo que tentar lutar. Também não pode renunciar a sua consciência das coisas: “Nem desistir, nem tentar. Agora tanto faz” (v.19-20). Resta ao

eu-lírico apenas virar as costas para o Sistema – como fez o eu-lírico de Drummond em relação à “máquina do mundo” – e se refugiar no seu mundo íntimo, “indo de volta para casa” (v.21), para seguir o fluxo da vida resignado.

3.1.2 - O álbum *Dois* (1986)

O álbum *Dois* (1986) apresenta um eu-lírico inquieto e indignado, questionador da realidade histórica, que assiste às mazelas do mundo e as denuncia. É o estágio da *resistência*.

Em outros momentos, há um eu-lírico que vê a escuridão chegar, se espalhar e ele já não tem forças para lutar, mas estende a mão a outros e tenta despertá-los para a necessidade de se esclarecer, a necessidade de ver o sol para que a luz fique acesa para revelar tudo que está escondido e para retomar a liberdade e o poder de ser dono de seu próprio tempo. É o estágio da *cautela*.

Revela-se ainda um eu-lírico resignado, consciente de que está sozinho como tivesse sido abandonado por todos os que ele acreditava estarem ao seu lado. Está só.

Olha para o passado e não compreende o mundo doente pelo qual passou. Torna-se quase insensível, para que ainda tenha forças e para se manter consciente. É o estágio da *desilusão*. Fecha-se o percurso do esclarecimento⁵⁰.

Do álbum *Dois*, como exemplo para ilustrar o estágio da *resistência*, tomarei o poema “Fábrica”.

- 1 Nosso dia vai chegar
- 2 Teremos nossa vez
- 3 Não é pedir demais
- 4 Quero justiça
- 5 Quero trabalhar em paz
- 6 Não é muito o que lhe peço
- 7 Eu quero o trabalho honesto
- 8 Em vez de escravidão
- 9 Deve haver algum lugar
- 10 Onde o mais forte não
- 11 Conseguir escravizar
- 12 Quem não tem chance
- 13 De onde vem a indiferença

⁵⁰ Cabe aqui estabelecer uma relação com a equivalência destes estágios do esclarecimento com o conjunto da obra poética de Carlos Drummond de Andrade, em que, como percebeu Affonso Romano de Sant’anna (1992), o eu-lírico esclarecido passa por três estágios de vida: eu maior que o mundo; eu igual ao mundo; eu menor que o mundo.

- 14 Temperada a ferro e fogo?
15 Quem guarda os portões da fábrica?
16 O céu já foi azul, mas agora é cinza
17 E o que era verde aqui já não existe mais
18 Quem me dera acreditar
19 Que não acontece nada
20 De tanto brincar com fogo
21 Que venha o fogo então
22 Esse ar deixou minha vista cansada
23 Nada demais

“Fábrica” é mais um poema que visa denunciar uma série de problemas sócio-históricos: a exploração da mão de obra pelos patrões a ponto de situações análogas à escravidão. A destruição do meio ambiente pelas indústrias. E a resposta a tudo isto é apenas indiferença da sociedade, que permite que tudo continue acontecendo.

Mesmo diante de tudo o que o eu-lírico vê em seu estado de esclarecimento é revela a todos em voz alta, ele ainda nutre esperanças de uma mudança desta realidade: “Nosso dia vai chegar. Teremos nossa vez. Não é pedir demais. Quero justiça” (v.1-4). Ele ainda acredita que “deve a haver algum lugar, onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance” (v.9-10).

Por fim, ele gostaria de acreditar que tudo o que revelou não acontece, mas ele não consegue desprezar sua consciência dos fatos. Diante de tudo ele se coloca pronto para lutar pelas mudanças: “Que venha o foto então” (v.21), embora revele, em suas últimas palavras, que seus olhos estão cansados de tudo a que assiste.

Para falar do estágio da *cautela*, usarei o poema “Tempo perdido”.

1 Todos os dias quando acordo
2 Não tenho mais
3 O tempo que passou
4 Mas tenho muito tempo
5 Temos todo o tempo do mundo
6 Todos os dias
7 Antes de dormir
8 Lembro e esqueço
9 Como foi o dia
10 Sempre em frente
11 Não temos tempo a perder
12 Nosso suor sagrado
13 É bem mais belo
14 Que esse sangue amargo
15 E tão sério
16 E selvagem!
17 Veja o sol
18 Dessa manhã tão cinza
19 A tempestade que chega
20 É da cor dos teus olhos castanhos

21 Então me abraça forte
22 E diz mais uma vez
23 Que já estamos
24 Distantes de tudo
25 Temos nosso próprio tempo
26 Não tenho medo do escuro
27 Mas deixe as luzes
28 Acesas agora
29 O que foi escondido
30 É o que se escondeu
31 E o que foi prometido
32 Ninguém prometeu
33 Nem foi tempo perdido
34 Somos tão jovens

“Tempo perdido” é um dos mais populares e emblemáticos poemas de Renato Russo. É um texto que, a princípio,

promove reflexões a respeito do decurso do tempo, no mesmo momento em que reconhece que o tempo decorrido é um instante que não volta mais (...).⁵¹

Esta promoção de reflexões já caracteriza, em si, uma ação própria de uma pessoa esclarecida, que demonstra consciência do problema sobre o qual se debruça e se presta a estabelecer um diálogo com seu re-

⁵¹ PIRES et al (2022, p. 337).

ceptor para compartilhar tais reflexões a fim de ajudar seu receptor a também ver a luz do esclarecimento.

A proposição central do poema é a necessidade da percepção e da permanência na claridade para atingir o esclarecimento. É o esclarecimento que possibilitará ao receptor a clareza de que precisa viver seu tempo de maneira mais significativa e própria. O convite para o esclarecimento está representado pela metáfora do “sol” que precisa ser visto em meio à escura tempestade que chega a cada manhã. Também está representado nas “luzes” que precisam ficar acesas para que seja possível ver tudo o que foi escondido.

A condição de cegueira imposta pela escuridão provoca a incapacidade de ver o tempo de vida perdido quando aprisionado pela rotina vazia imposta a todos.

Renato Russo, em seu lirismo, afirma que atingir e permanecer no esclarecimento é algo que exige um suor que resulta do ascrifício, trabalho e do sofrimento. Suor que é “sagrado” por resultar de algo que não poder ser retirado e roubado daquele que se dedicou e atingiu o esclarecimento e que não se dis-

sipa o cinza da tempestade. A recompensa pelo sofrimento de ser esclarecido é se tornar dono da própria vida, do próprio tempo e determinar o sentido de seus dias.

Para evitar a conformação, o eu-lírico acredita ser necessária uma união, para que juntos todos possam se distanciar de tudo que faz mal, para vencer o medo da escuridão, para manter a “luz” do esclarecimento acesa.

A “luz” que precisa ser deixada acesa para que, na união das pessoas envoltas pelo esclarecimento, seja possível ver o que foi escondido, perceber as promessas vazias que são feitas e compreender a urgência de que todos mantenham a consciência sobre o Sistema, esqueçam o tempo já perdido e sigam a vida agora sendo donos de si.

O eu-lírico não oferece sua própria verdade, mas tenta inquietar e provocar o receptor do poema a olhar para a luz, ver “o sol desta manhã tão cinza” (v.17-18), para conseguir enxergar através da escuridão espessa imposta pela “tempestade que chega” (v.19) todas as manhãs.

Em “Tempo perdido” há um eu-lírico comedido, que não grita mais por revolu-

ções, que não faz denúncias sobre horrores do mundo. Há um eu-lírico que ainda acredita poder ajudar a outros e para isso apenas se dedica a mostrar para outras pessoas que é possível se esclarecer e que cada um pode fazer sua própria revolução individual ao perceber como estava envolvido nas rotinas vazias do mundo e perdendo seus dias. Assim, na atitude do eu-lírico, predomina a *cautela*.

Como exemplo do terceiro estágio do esclarecimento: a *desilusão*, usarei o poema “Andrea Doria”.

1 Às vezes parecia que de tanto acreditar
2 Em tudo que achávamos tão certo
3 Teríamos o mundo inteiro
4 E até um pouco mais
5 Faríamos floresta do deserto
6 E diamantes de pedaços de vidro
7 Mas percebo agora
8 Que o teu sorriso vem diferente
9 Quase parecendo te ferir
10 Não queria te ver assim
11 Quero a tua força como era antes
12 O que tens é só teu
13 E de nada vale fugir
14 E não sentir mais nada
15 Às vezes parecia que era só improvisar
16 E o mundo então seria um livro aberto
17 Até chegar o dia
18 Em que tentamos ter demais

- 19 Vendendo fácil o que não tinha preço
20 Eu sei é tudo sem sentido
21 Quero ter alguém com quem conversar
22 Alguém que depois não use o que eu disse
23 Contra mim
24 Nada mais vai me ferir
25 É que eu já me acostumei
26 Com a estrada errada que eu segui
27 E com a minha própria lei
28 Tenho o que ficou
29 E tenho sorte até demais
30 Como sei que tens também

Este poema é a expressão do diálogo do eu-lírico com uma segunda pessoa que parece ser alguém próximo e querido.

O primeiro verso já anuncia que o poema tratará de frustrações, de introspecção e de solidão, explicitando o estágio da desilusão. A crença cega em algo leva a uma desolação, no momento que se descobre a fragilidade da crença e mesmo a sua falsidade. Quanto maior a crença, maior a desilusão.

Tudo parecia tão certo na utopia que se mostrou ingênua: fazer florestas do deserto, transformar pedaços de vidro em diamantes. Qual o preço dos sonhos? Vale a pena se vender a ponto de se perder para aquilo contra o qual se lutava? Vale a pena desistir e se modificar até o ponto de não mais

ser reconhecido? A impossibilidade das realizações transforma a força de outrora em tristeza, fraqueza e desistência. E tudo que antes parecia certo, perde todo o sentido.

Vencido, abandonado pelos seus próximos e traído, o eu-lírico se vê sozinho, mas maduro, consciente de tudo o que se passou e do que resta ele. Já não a luta, nem sonhos, mas a certeza de que, experiente e consciente, nada mais poderá feri-lo. O caminho do esclarecimento é a contramão do fluxo do mundo, é “a estrada errada” (v.26) é ser o *gauche*⁵². Por fim, em meio a toda a *desilusão*, eu-lírico passa a viver apenas com o que é dele e que ninguém pode lhe tirar: sua iluminação, sua liberdade e sua “própria a lei” (v.27). Isto é o que a ele ficou.

⁵² Adjetivo que se tornou famoso na poesia brasileira, a partir de seu uso por Carlos Drummond de Andrade no “Poemas de sete faces”, publicado em *Alguma Poesia* (1930): “Quando nasci, um anjo desses que vivem nas sobras, disse: ‘Vai Carlos, ser *gauche* na vida’”. *Gauche* é uma palavra francesa que significa o esquerdo, aquele que não é direito, ou seja, aquilo que é torto. Mas o que significa não ser direito, ser errado, num mundo onde o direito, o certo, é o sofrimento humano?

3.3 O álbum *Que país é este* (1987)

No terceiro álbum da Legião Urbana: *Que país é esse* (1987), Renato Russo faz um apanhado de poemas feitos entre 1978 e 1987. Desta forma, há um eu-lírico que ora repete o jovem rebelde e dominado por ideologias e quer enfrentar a realidade do mundo (“Que país é este?” ou “Tédio com um T”) ora repete o eu-lírico em dúvida entre sua capacidade de provocar uma revolução e as dores de ter que se dobrar à irreversibilidade das mazelas da vida e do Sistema do mundo (“Mais do mesmo” ou “Angra dos Reis”).

É importante saber que o álbum *Que país é este* é o último em que Renato Russo publica poemas relacionados ao primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*. Por outro lado, não há poemas relacionados ao estágio da *cautela*. Neste caso, o eu-lírico vai diretamente de uma ponta a outra do percurso do esclarecimento. Não há meio termo.

Para exemplificar as referências ao estágio da *resistência* neste álbum, usarei o poema “Que país é este”.

- 1 Nas favelas, no senado
- 2 Sujeira pra todo lado
- 3 Ninguém respeita a constituição
- 4 Mas todos acreditam no futuro da nação
- 5 Que país é este
- 6 No Amazonas, no Araguaia
- 7 Na Baixada Fluminense
- 8 Mato Grosso, Minas Gerais
- 9 E no nordeste tudo em paz
- 10 Na morte eu descanso
- 11 Mas o sangue anda solto
- 12 Manchando os papéis
- 13 Documentos fiéis
- 14 O descanso do patrão
- 15 Que país é este
- 16 Terceiro mundo se for
- 17 Piada no exterior
- 18 Mas o Brasil vai ficar rico
- 19 Vamos faturar um milhão
- 20 Quando vendermos todas as almas
- 21 Dos nossos índios num leilão
- 22 Que país é este

Sim, o esclarecimento também pode se manifestar na forma de denúncias, porque, para saber o que denunciar, é preciso antes saber ver e analisar o que se pretende denunciar. “Que país é este” é um conjunto um listar de problemas históricos, sociais e políticos nos quais o Brasil está mergulhado. A manutenção de índios e o roubo de suas terras. A des-

truição da Amazônia. A impunidade, a criminalidade e todas as outras formas de ofender a Constituição. A exploração dos trabalhadores e os lucros exorbitantes do patrão.

Este é um os poemas em que o tema e as imagens poéticas estão mais evidentes, mais explícitas. Este é poema de *resistência*, porque, quem denuncia acredita que alguma mudança é possível. Denunciar é uma forma de lutar, de se rebelar contra o *status quo* do mundo, do Sistema.

Para falar do estágio da *desilusão* em *Que país é este*, escolhi o poema a “Angra dos Reis”.

- 1 Deixa, se fosse sempre assim: quente
- 2 Deita aqui perto de mim
- 3 Tem dias em que tudo está em paz
- 4 E agora todos os dias são iguais
- 5 Se fosse só sentir saudade
- 6 Mas tem sempre algo mais
- 7 Seja como for
- 8 É uma dor que dói no peito
- 9 Pode rir agora que estou sozinho
- 10 Mas não venha me roubar
- 11 Vamos brincar perto da usina
- 12 Deixa pra lá, a Angra é dos Reis
- 13 Porque se explicar se não existe perigo?
- 14 Senti teu coração perfeito batendo à toa

15 E isso dói
16 Seja como for
17 É uma dor que dói no peito
18 Pode rir agora que estou sozinho
19 Mas não venha me roubar
20 Vai ver que não é nada disso
21 Vai ver que já não sei quem sou
22 Vai ver que nunca fui o mesmo
23 A culpa e toda sua e nunca foi
24 Mesmo se as estrelas comessem a cair
25 E a luz queimasse tudo ao redor
26 E fosse o fim chegando cedo
27 E você visse nosso corpo em chamas
28 Deixa pra lá
29 Quando as estrelas comessem a cair

O poema se inicia com um lamento: “Deixa, se fosse sempre assim: quente” (v.1). Transparece, como em todo restante do poema, uma sensação de que o eu-lírico se sente conformado, resignado ao que lhe resta, sem mais forças para agir contra o fluxo que o leva ou pelo qual ele se permite ser levado. E assim, há uma certa paz: “Tem dias que tudo está em paz” (v.3), em meio aos dias que, agora, são todo iguais. Isso me faz lembrar a os versos de Drummond em “Dissolução”:

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destruída.

É o que parece sentir o eu-lírico de Renato Russo em “Angra dos Reis”: uma paz destruída, há uma “dor que dói no peito” (v.17) e que outros não veem, continuam rindo, felizes, seguindo o fluxo de suas vidas, enquanto aquele que é esclarecido sofre com solitário com a dor do mundo. Só deseja que ninguém roube dele sua consciência.

No mundo que é dos reis, os inconscientes brincam perto do perigo sem perceber, enquanto se acham felizes, com o coração batendo em meio a toda a mentira. Consciente disso, o eu-lírico apenas sente dor por ele e por todos.

E se tudo que ele vê não for o que ele acha que é? E se ele não for o que ele pensa ser? E se seu sofrimento for culpa somente dele? E se tudo se acabasse em sofrimento sem que os outros nem percebessem? Se todas as estrelas caíssem do céu e ninguém percebesse? Se a luz do esclarecimento brilhasse tão fortemente a ponto de queimar tudo

com sua luminosidade? Eles conseguiriam ver a verdade? Provavelmente não. Diante de tudo isso, o eu-lírico apenas se resigna e “deixa pra lá” (v.28). É a *desilusão*.

3.4 O álbum *As Quatro Estações* (1989)

No quarto álbum da Legião Urbana, intitulado *As quatro estações* (1989), há um eu-lírico que atinge a maioria do esclarecimento e abandona completamente a rebeldia ideológica da juventude e do estágio da *resistência*.

Ele acredita com mais força para manter sua liberdade racional e emocional. Tenta, mesmo que de forma tímida, ajudar outros a também verem a luz do esclarecimento, aconselhando e falando de sua experiência de vida, como lemos, por exemplo, em “Eu era um lobisomem juvenil”, “Pais e filhos” e em “Quando o sol bater na janela do teu quarto”, esta última se constituindo em uma ode ao esclarecimento e sobre a qual falarei mais adiante, no capítulo “Luz e sentido e palavra”.

O eu-lírico ainda acredita na possibilidade de esclarecimento das pessoas, mas

apenas por ações individuais, desde que estas desejem se esclarecer, mas não acredita mais e revoluções coletivas. Então este é o álbum em que o eu-lírico de Renato Russo definitivamente chega no auge do segundo estágio do esclarecimento: a *cautela*. É o momento do iluminação em que uma postura se impõe a todo sujeito que permanece no esclarecimento: a consciência das limitações impostas pelo mundo e de que as grandes lutas não são, não serão e nunca foram possíveis. No entanto é possível mudar a si mesmo, esclarecer a si mesmo e ajudar alguns poucos a também verem a luz e se banharem no sol.

Assim, ele finalmente compreende a irreversibilidade da maldade do mundo e a impossibilidade de qualquer salvação coletiva, como lemos em “Há tempos”.

Ao mesmo tempo, ele compreende que a única coisa que vale a pena e que pode dar algum sentido à existencialidade das pessoas é a vivência incondicional do Amor em sua plenitude e em todas as suas formas, como lemos em “Monte Castelo”, “Pais e filhos”, “Sete Cidades”, “Se fiquei esperando meu amor passar”.

Neste álbum, o estágio da *cautela* pode ser visto no poema que se segue: “Eu era um lobisomem juvenil”.

1 Luz e sentido e palavra
2 Palavra é o que o coração não pensa
3 Ontem faltou água
4 Anteontem faltou luz
5 Teve torcida gritando, quando a luz voltou
6 Não falo como você fala,
7 mas vejo bem o que você me diz
8 Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo
9 Prefiro acreditar no mundo do meu jeito
10 E você estava esperando voar
11 Mas, como chegar até as nuvens,
12 com os pés no chão?
13 O que sinto, muitas vezes faz sentido
14 E, outras vezes, não descubro o motivo
15 Que me explica por que é
16 que não consigo ver sentido
17 No que sinto, o que procuro,
18 O que desejo e o que faz parte do meu mundo
19 O arco-íris tem sete cores
20 E fui juiz supremo
21 Vai. Vem embora. Volta
22 Todos têm, todos têm suas próprias razões
23 Qual foi a semente que você plantou?
24 Tudo acontece ao mesmo tempo
25 Nem eu mesmo sei direito
26 o que está acontecendo
27 E daí? De hoje em diante,
28 todo dia vai ser o dia mais importante
29 Se você quiser alguém pra ser só seu
30 É só não se esquecer: estarei aqui

31 Não digo nada: espero o vendaval passar
32 Por enquanto, eu não sei
33 O que você me falou me fez rir e pensar
34 Por que estou tão preocupado
35 por estar tão preocupado assim
36 Mesmo se eu cantasse todas as canções
37 Todas as canções
38 Todas as canções do mundo
39 Sou bicho do mato
40 Mas...
41 Se você quiser alguém pra ser só seu
42 É só não se esquecer: estarei aqui
43 Ou então não terás
44 Jamais a chave pro meu coração

No poema “Eu era um lobisomem juvenil”, publicado no álbum *As Quatro Estações* (1989), a referência ao esclarecimento é representada na metáfora formada pela “luz” (v.1, 4, 5), que é colocada como fundamento de todo o discurso do eu-lírico, figurando na abertura do poema.

A frase de abertura “Luz e sentido e palavra” (v.1) representa a tríade que sintetiza o esclarecimento: a “luz” do esclarecimento revela o “sentido” verdadeiro das coisas e este é compartilhado pela pessoa esclarecida por meio da “palavra”, que é o instrumento para organizar o pensamento e expressar os sentimentos. “Palavra” que é a base da estrutu-

ração do pensamento, constitui o processo racional e não o sensorial, por isso a “palavra é o que o coração não pensa”, porque ela só pode só existir e só pode ser formulada pelo raciocínio, pelo pensamento. Não há pensamento sem palavra nem palavra sem o pensamento. Da mesma maneira que não é possível se esclarecer sem pensar nem pensar sem se esclarecer. Pensar não é repetir, reproduzir. Pensar é criar, é inovar, é construir.

Na segunda proposição do poema (v.3-5), os versos estabelecem uma sequência de acontecimentos na qual a ausência da luz, ocasiona a falta da água. A (re)conquista da luz desejada é motivo de celebração por aqueles que a valorizam: sua torcida. Repare que a ausência do esclarecimento (“luz”) gera a falta do bem mais puro e mais essencial para a vida: a água, a qual pode ser a representação do bem mais precioso para o indivíduo: a liberdade. Mas quando o esclarecimento é (re)conquistado, aqueles que dele se alimentam celebram a (re)conquista da liberdade.

A capacidade do sujeito esclarecido de compreender o sentido e a intenção das

coisas, seja das ações, seja das palavras, seja dos mecanismos do Sistema, seja das pessoas não esclarecidas também é abordada neste poema (v.6-7).

Mas o esclarecimento, embora possibilite a liberdade e a maturidade do pensamento e do sentir, por outro lado também faz com que o eu-lírico esclarecido seja capaz de enxergar toda a maldade e doença que habitam e que controlam o mundo e seu Sistema. E diante deste horror, mesmo aquele que se esclareceu deseja não ter visto tudo o que seus olhos lhe mostraram: “Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo / Prefiro acreditar no mundo do meu jeito” (v.8-9).

“Eu era um lobisomem juvenil” é um poema que representa um diálogo do eu-lírico com ele mesmo. É uma reflexão sobre sua vida desde sua juventude, do primeiro ao segundo estágio do esclarecimento: da *resistência* juvenil até *cautela* da maioridade. Desta relação vem uma das conclusões do eu-lírico na frase que dá título ao poema. Já esclarecido, ele olha para seu passado e identifica as mutações pelas quais seu pensamento passou em seu percurso de esclarecimento. Daí a

expressão “lobisomem juvenil”, que representa as transformações de seu pensamento juvenil.

No início, jovem rebelde, desejava ser livre, voar até nuvens (v.10). Na confusão de seus sentimentos e suas paixões, muitas vezes não conseguia ver sentido em seus próprios sentimentos. Mas, diante de suas dúvidas juvenis sobre os significados das coisas e os sentidos da vida, não conseguia racionalizar o seus próprios anseios, não entendia o porquê não conseguia atribuir sentidos para sua vida. Mergulha, então, em uma crise existencial, sem saber quem é, o que procura, o que anseia e a que mundo ele pertence (v.13-18).

Já na cautela de sua maioridade, depois de todas as crises existenciais e de alcançar o esclarecimento, olha para aquele jovem que queria “voar” livre e inconsequente, como um Ícaro, e conclui que tudo aquilo era mera ilusão juvenil. Porque, ao atingir o esclarecimento, com “os pés no chão”, se tornando capaz de construir opiniões e raciocínios próprios e maduros, compreendendo o funcionamento do Sistema, da “máquina do mundo”,

entende que, no mundo real, não é possível voar (v.10-12).

Em sua transformação, o jovem que vai entrando na maioridade do esclarecimento, começa a compreender que cada pessoa precisa ser livre para fazer suas escolhas e construir suas verdades. Para isso, o eu-lírico usa como metáfora o “arco-íris”, para representar a multiplicidade das pessoas, e as “sete cores”, para representar as múltiplas verdades (v.19). Por isso, ele se reconhece sua liberdade que o faz ser “juiz supremo” de suas escolhas nas idas e voltas da vida (v.21), ao mesmo tempo, único responsável pelas consequências de suas decisões, da mesma forma que cada um precisa ser o “juiz supremo” de si, porque “todos precisam ter “suas próprias razões (v.22). Afinal, como o mesmo eu-lírico de Renato Russo afirma no poema “Há tempos”: “disciplina é liberdade”.

Suas reflexões continuam e ele se pergunta sobre o que de significativo e de valor ele fez durante sua vida até aquele momento: que sementes ele plantou (v.23), o que ele fez de valor em seu passado. Por outro lado, ele compreende que a “máquina do mundo”

não para e que inúmeras coisas acontecem ao mesmo tempo, gerando inúmeras informações e relações e isso dificulta até mesmo a sua compreensão do mundo. Por isso, o eu-lírico decide que não há valor em que preocupar com o que virá, nem remoer o que já passou. O importante é viver cada dia como se fosse “o dia mais importante” (v.24-28).

Diante de todas as revelações que ele mesmo constrói sobre as verdades das transformações da vida, o eu-lírico compreende que, neste mundo de vidas individuais, com interesses e escolhas individuais, em que ninguém pode ser dono de ninguém, a única pessoa com quem ele pode contar plenamente para lhe pertencer é ele mesmo (v.29-30), pensamento que remete a outro poema de Renato Russo: “Mais uma vez”⁵³, em que seu eu-lírico revela conclusão semelhante: “Se você quiser alguém em quem confiar, / confie em si mesmo”.

⁵³ Este poema tornou-se a letra da canção homônima feita em parceria com Flávio Venturini e lançada, originalmente pela banda 14Bis. A versão cantada apenas por Renato Russo foi lançada, postumamente, no álbum *Renato Russo: presente* (2003).

Cauteloso diante do mundo, o eu-lírico se cala e se refugia dentro de si e espera, enquanto no mundo externo, o vendaval (ou a tempestade, como em outros poemas) continua sem que ele saiba até quando (v.31-33).

O eu-lírico conclui que isto que disse a si mesmo em sua conversa interna, o faz rir de suas próprias escolhas e ações e a se questionar por que ele está preocupado por ter se importado tanto com tudo que viveu e com o que virá (v.33-34).

Conclui ainda que, mesmo que ele tentasse cantar todas as canções, falar todas as línguas, se comportar como todas as pessoas para ser igual a todos os outros (v.36-38) ele não conseguiria se render à conformidade e à alienação do Sistema do mundo, porque, ele se sabe um sujeito esclarecido, juiz de si mesmo, livre: um “bicho do mato” (v.39). É este seu estado de esclarecimento que o faz ter certeza de algo que ele não pode esquecer: ele é o único dono de si. Do contrário ele jamais teria a chave de seu próprio coração (v.41-44).

O poema “Há tempos” pode exemplificar a desilusão no álbum *As Quatro Estações*.

1 Parece cocaína, mas é só tristeza
2 Talvez, tua cidade
3 Muitos temores nascem
4 Do cansaço e da solidão
5 Descompasso, desperdício
6 Herdeiros são agora
7 Da virtude que perdemos
8 Há tempos tive um sonho
9 Não me lembro
10 E hoje, o dia é tão bonito
11 Já estamos acostumados
12 A não termos mais nem isso
13 Os sonhos vêm e os sonhos vão
14 O resto é imperfeito
15 Disseste que se tua voz tivesse força igual
16 À imensa dor que sentes
17 Teu grito acordaria
18 Não só a tua casa
19 Mas a vizinhança inteira
20 E há tempos, nem os santos
21 Têm ao certo, a medida da maldade
22 E há tempos, são os jovens que adoecem
23 E há tempos, o encanto está ausente
24 E há ferrugem nos sorrisos
25 E só o acaso estende os braços
26 A quem procura abrigo e proteção
27 Meu amor
28 Disciplina, é liberdade
29 Compaixão, é fortaleza
30 Ter bondade, é ter coragem (e ela disse)
31 Lá em casa tem um poço
32 Mas a água é muito limpa (limpa)

“Há tempos” é o anúncio do reconhecimento das frustrações do eu-lírico e a chegada da *desilusão*. É o poema que abre o álbum *As Quatro Estações*. Simboliza a chegada definitiva do eu-lírico na plenitude de seu estado de esclarecimento.

Consciente de que os jovens abandonaram aquele vigor da “Geração Coca-Cola” para se resignar com a derrota dos sonhos, dos idealismos, da vontade de transformação. Resta o entorpecimento para disfarçar a tristeza individual e a coletiva, da cidade. Restam os temores, o cansaço e a solidão para aquele que antes lutava para que todos atingissem a consciência, o esclarecimento. Restam os sonhos de outrora agora esquecidos. Morreram a ingenuidade de que uns ajudam e abraçam os outros e a vontade de vencer a tempestade e ser dono do próprio tempo: embora o dia ser tão bonito, o dia não nos pertence mais: “já não temos mais nem isso”.

O esclarecimento do eu-lírico se faz perceber diante da consciência de que há tempos, inevitavelmente, os jovens sempre adoecem. E aqueles dias de resistência se fo-

ram juntamente com as ideologias e o encanto de outrora que se mostraram inúteis. Os jovens perderam, os sonhos que um dia vieram agora já se foram e o que resta é a imperfeição irreversível do mundo. Aquela voz que antes era tão forte quanto a imensa dor da frustração do presente, já não é mais capaz de acordar a si mesmo e a mais ninguém.

Tudo agora é escuridão e todos estão entregues à mercê do acaso, embora ainda expressem sorrisos enferrujados, sem vida. Já não há mais com quem se proteger do mundo adoecido e adoecedor. Nem aqueles “santos” que ainda insistem em manter a consciência para tentar fazer o bem conseguem vencer a maldade imposta. E a isto todos já se acostumaram.

O eu-lírico de Renato Russo agora expressa o mesmo sentimento de derrota e resignação que o eu-lírico de Carlos Drummond de Andrade em “Dissolução” e a “Máquina do mundo”, ambos do livro *Claro Enigma* (1951)..

Diante de toda esta realidade que há tempos impera, resta ao indivíduo esclarecido e solitário, se manter consciente, alimentando e vivenciando suas virtudes: a dis-

ciplina de manter o controle de sua própria vida e que o faz manter sua a liberdade intelectual e emocional inerentes à pessoa esclarecida; a compaixão diante de todos que precisam de ajuda, se fortalecendo com o amor que distribui entre aqueles vivem em dissolução e ignorância; a bondade que alimenta e fortalece sua coragem de estender a mão para aqueles poucos que se dispõe a se abrir para o esclarecimento, ao contrário daqueles que, diante da possibilidade de beber outra vez da pureza representada na água limpa do poço que está ao alcance das mãos, se negam, acostumados que estão de beber da maldade que a tudo domina.

Ademais, é possível inferir do poema que, embora o eu-lírico se mantenha como uma pessoa esclarecida e consciente da realidade vil que a todos envolve, ao contrário do que ele afirmava em “Tempo Perdido” do álbum *Dois*, aqui não há nenhuma referência e conclamação à possibilidade dos outros olharem para um sol, para uma luz, e reverter a maldade que há tempos a todos aliena e esvazia de vida na tristeza dos dias que se perdem.

3.5 O álbum *V* (1991)

O quinto álbum *V* (1991) dá continuidade à postura do eu-lírico que se vê em *As Quatro Estações*, transitando entre a *cautela* de uma esperança cada vez mais enfraquecida e a *desilusão*.

Há a reafirmação de seu esclarecimento e da luta íntima e individual por sua liberdade intelectual e emocional (“Metal contra as nuvens”, ou “A montanha mágica”), embora apresente momentos de dúvida entre o sofrimento da luta pela permanência no esclarecimento e o desejo por outras coisas que existem, como a sereniade que ele acha que pode haver na alienação e nas coisas simples do cotidiano (“Sereníssima”, ou “O mundo anda tão complicado”), pensando sobre se deixar levar pelo fluxo do mundo como se é levado pela ambiguidade do mar, que inspira tranquilidade e paz ao mesmo tempo que envolve com força e violência todos que nele mergulham (“Vento no litoral”).

A afirmação do Amor como sentido definitivo para a vida, mesmo que no silên-

cio das palavras (“Love song”, ou “Come share my life”). Ele continua a manter a percepção e a consciência da imensidade da maldade do mundo, que suga a vida das pessoas, e sua irreversibilidade (“Teatro dos Vampiros”).

Deste quinto álbum, comentarei “Metal contra as nuvens”.

- 1 Não sou escravo de ninguém
- 2 Ninguém é senhor do meu domínio
- 3 Sei o que devo defender
- 4 E por valor eu tenho
- 5 E temo o que agora se desfaz
- 6 Viajamos Sete léguas
- 7 Por entre abismos e florestas
- 8 Por Deus nunca me vi tão só
- 9 É a própria fé o que destrói
- 10 Estes são dias desleais
- 11 Eu sou metal
- 12 Raio, relâmpago e trovão
- 13 Eu sou metal
- 14 Eu sou o ouro em seu brasão
- 15 Eu sou metal
- 16 Me sabe o sopro do dragão
- 17 Reconheço o meu pesar
- 18 Quando tudo é traição
- 19 O que venho encontrar
- 20 É a virtude em outras mãos
- 21 Minha terra
- 22 É a terra que é minha
- 23 E sempre será
- 24 Minha terra

25 Tem a lua, tem estrelas
26 E sempre terá
27 Quase acreditei na sua promessa
28 E o que vejo é fome e destruição
29 Perdi a minha sela e a minha espada
30 Perdi o meu castelo e minha princesa
31 Quase acreditei, quase acreditei
32 E, por honra, se existir verdade
33 Existem os tolos e existe o ladrão
34 E há quem se alimente do que é roubo
35 Mas vou guardar o meu tesouro
36 Caso você esteja mentido
37 Olha o sopro do dragão
38 É a verdade o que assombra
39 O descaso que condena
40 A estupidez o que destrói
41 Eu vejo tudo o que se foi
42 E o que não existe mais
43 Tenho os sentidos já dormentes
44 O corpo quer, a alma entende
45 Esta é a terra de ninguém
46 E sei que devo resistir
47 Eu quero a espada em minhas mãos
48 Eu sou metal
49 Raio, relâmpago e trovão
50 Eu sou metal
51 Eu sou o ouro em seu brasão
52 Eu sou metal
53 Me sabe o sopro do dragão
54 Não me entrego sem lutar
55 Tenho ainda coração
56 Não aprendi a me render
57 Que caia o inimigo então
58 Tudo passa, tudo passará
59 E nossa estória, não estará

- 60 Pelo avesso assim
61 Sem final feliz
62 Teremos coisas bonitas pra contar
63 E até lá vamos viver
64 Temos muito ainda por fazer
65 Não olhe para trás
66 Apenas começamos
67 O mundo começa agora
68 Apenas começamos

O poema “Metal contra as nuvens”, publicado no álbum *V*(1991), é um bom exemplo do uso do discurso fragmentado que não segue um fluxo cronológico, mas que se estrutura na forma de um tempo psicológico. Nesta estruturação, referências ao passado e ao presente do eu-lírico se alternam divididas em grupos de versos. Para expressar as perdas e ganho do eu-lírico, Renato Russo elaborou um poema em que o eu-lírico se dirige ao Sistema para se autoafirmar diante dele.

No primeiro grupo de versos que inicia o poema, a exemplo de “Será”, o eu-lírico retoma seu grito de resistência e de autoafirmação de sua liberdade de pensamento: “Não sou escravo de ninguém / Ninguém é senhor do meu domínio / Sei o que devo defender” (v.1-3). Nestas palavras, ele também afirma

sua identidade e sua inadequação à conformação socialmente imposta pelo Sistema.

Estes primeiros versos remetem o eu-lírico ao primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*, e deles emanam a coragem e a resiliência próprias da juventude, como se ele ainda estivesse no início de sua jornada pelo esclarecimento.

No entanto, os versos seguintes relocalam o eu-lírico em outro momento de sua vida e revelam uma mudança da coragem para o medo, da *resistência* para a consciência de que suas ideologias, ideais e certezas se frustraram e estão se desfazendo. Neste segundo grupo de versos o eu-lírico se vê no estágio da *cautela*. Ele sente temor diante da percepção da perda do que ele conquistou pelo mérito de seus esforços: a liberdade de seu esclarecimento (v.4-5). Este medo da perda justifica os versos anteriores em que ele faz questão de afirmar sua independência.

Em suas ponderações, no grupo de versos que se segue (v.6-10), ele relembra as dificuldades enfrentadas nas “sete léguas” de

seu caminho para a perfeição⁵⁴ do esclarecimento e sua conquista da liberdade. Enfrentando as adversidades, ele se percebe sozinho, em imensa solidão, porque atingir o esclarecimento é algo que ninguém pode fazer por outro. Tragicamente, o eu-lírico sabe a fé, a persistência na conquista da consciência libertadora do esclarecimento é também destruição das utopias, das ideologias, da esperança. Por isto, “é a própria fé o que destrói”. A confirmação de suas perdas diante das mazelas do mundo revela o quanto o mundo é desleal e injusto.

No refrão do poema (v.11-16), ao mesmo tempo em que reitera sua integridade, o eu-lírico também revela seu estado de esclarecimento. A força de sua integridade está representada pelas metáforas existentes no uso das palavras “metal”, “raio”, “relâmpago”, “trovão”, “ouro” e “dragão”. Estas mesmas metáforas, por emitirem luz e brilho, também representam sua iluminação, a luz que emana

⁵⁴ É necessário lembrar que, historicamente, o número 7 refere-se à perfeição, à plenitude, ao descanso, à completude, ao poder divino do Deus judaico-cristão.

de seu esclarecimento. Por meio do “ouro” ele afirma o valor de sua virtude, sua pureza, força e resistência e estas formariam o brasão que simboliza toda a nobreza do sujeito esclarecido. Por fim, a força da sabedoria, do conhecimento, da liberdade e da energia positiva do sujeito esclarecido estão representadas na metáfora do “sopro do dragão”⁵⁵.

⁵⁵ “Hermes Trismegisto, Três Vezes o Grande, caminhava por um estranho rochedo e decidiu meditar. Fechou seus olhos e, respondendo às leis divinas, viu-se dentro do mundo invisível. Uma vez lá deparou-se com o grande dragão da sabedoria”. (Trecho retirado do livro *A Tábua de Esmeralda*, atribuído a Hermes Trismegisto que teria vivido por volta de 2,5 mil anos antes de Cristo. O dragão historicamente também é considerado fonte de sabedoria e força. Na cultura tibetana, o dragão é um ser dotado de sabedoria, liberdade e equanimidade e simboliza a energia positiva, a fertilidade, a abundância, a estabilidade e a prosperidade, ele segura a joia que tudo realiza e seu fogo repele as influências negativas, libertando a mente para uma percepção mais profunda e ampla das coisas. De acordo com a *Infopédia: Dicionários Porto Editora* (2024), “lutar e vencer o dragão traduz a iniciação e a evolução através da provação. Este animal mitológico é também símbolo da imortalidade, da união dos contrários e do poder divino. Nas mitologias de muitas tradições, o dragão é o guardião dos tesouros secretos que se deve vencer para ter acesso aos mesmos. (...) Na tradição hindu, o dragão está associado ao

O eu-lírico segue sofrendo com suas derrotas, sentindo-se traído, talvez por outros que não persistiram na luta pelo esclarecimento. Diante disto, resta a ele procurar outros que queiram aceitar o caminho esclarecido da virtude junto com ele (v.17-20).

Em outro grupo de versos, ele volta a afirmar sua consciência sobre seu estado de liberdade e sua autonomia, se declarando dono de sua “terra” onde brilham a lua e as estrelas, em uma representação de seu corpo, sua mente e seu coração, onde a sua luz resplandece sem cessar, fato que ele acredita jamais deixar de ser realidade.

elemento fogo e ao princípio criador que estabelece o universo através de uma ordem e de uma organização. Na sua ligação com a água, os dragões estão associados às nascentes e à chuva que fecunda a terra. A sua ligação com o elemento fogo faz com que o dragão seja também o senhor dos raios e dos trovões. O dragão é ao mesmo tempo Yin e água e Yang e fogo”. Além disso, o dragão figura em destaque em vários escudos e brasões, bem como foi historicamente adotado por personalidades históricas, tal como como o imperador da China entre outros reis, para simbolizar força, independência, bravura e conquista.

No fragmento seguinte (v.27-37), o eu-lírico mergulha em outro contexto. Ele se volta para o Sistema e com ele inicia um diálogo, recordando sua juventude, num época em que ainda não havia encontrado o esclarecimento e se encontrava passível de manipulação. Ele que se julgava poderoso e destemido como um príncipe, por um tempo acreditou nas promessas do Sistema. Chegou a perder as coisas mais importantes que julgava possuir: seu direito de ir e vir (“sela”), suas armas (“espada), sua morada (“castelo”) e a pessoa amada (“princesa”), todas coisas passíveis de lhe serem tiradas (29-30).

Contudo, diante de suas perdas e antes de se entregar totalmente, ele conseguiu abrir e clarear seus olhos, vendo todas as mazelas e o horror (“fome” e “destruição”) escondidas por trás das falsas promessas (v.27-28).

Consciente das verdades, ele reconhece que, neste Sistema, existem as pessoas que roubam daqueles que são tolos, e aqueles se alimentam de tudo o que tiram de outros (v.32-34). Mas o eu-lírico, fortalecido em sua honra, sem se entregar à perversidade deste Sistema, manter-se-á íntegro e assim guardando o

seu único tesouro que não pode ser roubado: sua consciência, o sobro do dragão que o habita (v.32, 36-37).

Esta realidade é a verdade e ele agora se assombra diante de tudo. Ele vê o descaso de uns condenar outros aos sofrimentos impostos pelo Sistema. Ele vê o quanto a estupidéz daqueles seguidores do Sistema destrói o bem no mundo. Esclarecido, ele consegue perceber todo o bem que se foi e já não existe mais, tudo que foi roubado ou destruído pelo Sistema (v-38-42).

Frente a toda a dor que assiste, ele se começa a se sentir fraco e se tornando insensível. Ele sente seu corpo fraquejar e sua mente e seu coração compreendem o quanto é difícil se manter consciência da verdade do Sistema, a verdade do mundo. Porém, sabe que precisa resistir, precisa resgatar suas armas, manter-se esclarecido, e resistir a todo mal que vê (v-43-47).

Nesta constante necessidade de resgatar sua honra, sua consciência, sua integridade, ele reafirma seu esclarecimento, sua força, sua resistência, sua sabedoria (v.48-53). Ele é “metal, raio, relâmpago e trovão”, é “ouro”

e dotado do “sopro do dragão”: ainda encontra resiliência, é luz, é som, é força, é pureza e asbedoria. É consciente e tem sua própria voz (v.48-53).

Em um novo conjunto de versos, o eu-lírico continua sua autoafirmação, necessária para manter-se forte e resistente. Sua coragem o impede de entregar-se sem lutar contra o Sistema. A força de seu coração, que representa sua riqueza emocional, seu caráter, sua sensibilidade, mostram que ele aprendeu a se render. E nesta luta, é o seu inimigo que cairá, porque ele se acredita invencível armado com toda a sua consciência esclarecida v.(54-57).

Frente a toda esta luta incessante, nos dois últimos conjuntos de versos do poema, o eu-lírico explicita sua esperança de que todo este mal passará, porque tudo passa. E quando isto acontecer, a humanidade poderá ler uma nova estória, em que o bem prevalece e não o seu avesso: o mal, e poderá haver um final feliz e todos “teremos coisas bonitas pra contar (v-58-62).

Todavia, até que esta esperança se converta em realidade, muito ainda terá que ser feito e é necessário olhar para frente e

continuar, mesmo diante das perdas que virão. É preciso manter-se resistente, resiliente. O eu-lírico sabe que a luta empreitada por ele é só início de uma guerra. Mas é preciso sempre recomeçar após cada derrota. Que o mundo recomece sempre (v.63-68)

“Metal contra as nuvens” é um canto de resistência contra o Sistema perverso que rege o mundo. O Sistema é este inimigo que não tem um rosto definido, porque possui inúmeras faces. É um canto de consciência e de necessidade de resiliência. É um canto da solidão daquele que atinge o esclarecimento enquanto vê aqueles todos que ainda dormem sendo roubados e violentados por outros que comandam as engrenagens do Sistema. Renato Russo constrói um eu-lírico que compreende que o mundo é perverso, mas que é necessário alcançar a lucidez e nela persistir, não importa os sofrimentos e as feridas que resultem desta batalha.

3.6 O álbum *O descobrimento do Brasil* (1993)

No sexto álbum da Legião Urbana: *O descobrimento do Brasil* (1993), o eu-lírico de

Renato Russo começa a se assentar na desilusão e – a exemplo de Carlos Drummond depois de *Claro Enigma* (1951) e a partir de *Lição de coisas* (1964) – começa a se apresentar saudosista, se ocupando em fazer reflexões sobre pessoas, acontecimentos e sentimentos do passado, como se quisesse fazer um filme de sua vida, como se quisesse passar a vida a limpo: a infância, a escola, os amigos (“Vinte e nove” e “O descobrimento do Brasil”).

Mesmo transitando entre a pouca esperança e a frustração total, ele insiste em continuar vivenciando o “sol”, mesmo sabendo que o mundo tenta apagar “sol” e impedir a permanência da luz (“Giz”).

Ele reafirma e revive o sentimento de Amor, que “tem sempre a porta” para receber e para se doar, continuando a pensar com o coração (“O descobrimento do Brasil”), acreditando ainda, em meio a todas as mazelas que o cercam e que ele percebe (indiferença, difamação, preconceito, tristeza, vaidade, ganância, desunião, estupidez humana, morte de crianças, violência, falta de bom senso, inveja incompreensão, assassinos, es-

tupradores e ladrões entre outras), que só a verdade – o esclarecimento – liberta, e esta crença derradeira é que ainda o faz gritar que “chega de maldade e ilusão”, porque ainda “vem chegando a primavera / nosso futuro recomeça” e é preciso tentar ainda conclamar as pessoas a buscarem o esclarecimento: “venha que o que vem é perfeição.” Contudo, entre este misto de desesperança e esperança, a primeira prevalece, afinal, “está tudo morto e enterrado agora” e aquele que está esclarecido e vê a verdade é apenas um estúpido (“Perfeição”).

A perspectiva do esclarecimento neste álbum pode ser sintetizada na leitura do poema “Perfeição”.

- 1 Vamos celebrar a estupidez humana
- 2 A estupidez de todas as nações
- 3 O meu país e sua corja de assassinos
- 4 Covardes, estupradores e ladrões
- 5 Vamos celebrar a estupidez do povo
- 6 Nossa polícia e televisão
- 7 Vamos celebrar nosso governo
- 8 E nosso Estado, que não é nação
- 9 Celebrar a juventude sem escola
- 10 As crianças mortas
- 11 Celebrar nossa desunião
- 12 Vamos celebrar Eros e Thanatos
- 13 Persephone e Hades

- 14 Vamos celebrar nossa tristeza
15 Vamos celebrar nossa vaidade
16 Vamos comemorar como idiotas
17 A cada fevereiro e feriado
18 Todos os mortos nas estradas
19 Os mortos por falta de hospitais
20 Vamos celebrar nossa justiça
21 A ganância e a difamação
22 Vamos celebrar os preconceitos
23 O voto dos analfabetos
24 Comemorar a água podre
25 E todos os impostos
26 Queimadas, mentiras e sequestros
27 Nosso castelo de cartas marcadas
28 O trabalho escravo
29 Nosso pequeno universo
30 Toda hipocrisia e toda afetação
31 Todo roubo e toda a indiferença
32 Vamos celebrar epidemias
33 É a festa da torcida campeã
34 Vamos celebrar a fome
35 Não ter a quem ouvir
36 Não se ter a quem amar
37 Vamos alimentar o que é maldade
38 Vamos machucar um coração
39 Vamos celebrar nossa bandeira
40 Nosso passado de absurdos gloriosos
41 Tudo o que é gratuito e feio
42 Tudo que é normal
43 Vamos cantar juntos o Hino Nacional
44 A lágrima é verdadeira
45 Vamos celebrar nossa saudade
46 E comemorar a nossa solidão
47 Vamos festejar a inveja
48 A intolerância e a incompreensão

49 Vamos festejar a violência
50 E esquecer a nossa gente
51 Que trabalhou honestamente a vida inteira
52 E agora não tem mais direito a nada
53 Vamos celebrar a aberração
54 De toda a nossa falta de bom senso
55 Nosso descaso por educação
56 Vamos celebrar o horror
57 De tudo isso com festa, velório e caixão
58 Está tudo morto e enterrado agora
59 Já que também podemos celebrar
60 A estupidez de quem cantou esta canção
61 Venha, meu coração está com pressa
62 Quando a esperança está dispersa
63 Só a verdade me liberta
64 Chega de maldade e ilusão
65 Venha, o amor tem sempre a porta aberta
66 E vem chegando a primavera
67 Nosso futuro recomeça
68 Venha, que o que vem é perfeição

Em “Perfeição”, o discurso do eu-lírico aparenta ser uma denúncia de inúmeros aspectos de todas as mazelas que afligem o Brasil. Mas a sua ironia, convocando as pessoas a celebrar todo o mal da sociedade é, na verdade, sinal de que a esperança de mudar alguma destas coisas já não existe mais, não pulsa mais em seu coração. Isso faz com que este poema se identifique com o estágio da *desilusão*.

Qual é a diferença básica entre “Que país é esse” e o poema “Perfeição” que faz o primeiro ilustrar o estágio da *resistência* e o segundo o estágio da *desilusão*? Em “Que país é esse?”, o eu-lírico mantém-se forte e decidido frente ao que ele denuncia. Ele expressa força e certeza em sua ação. O poema “Perfeição”, ao final daquilo que parece um discurso de denúncia, o eu-lírico reconhece que não há mais esperança: ela se dispersou. Em seu lugar fica somente o coração aberto, exposto.

Em “Perfeição” o poema se inicia com o eu-lírico chamando seus receptores a celebrar, ironicamente, a “estupidez humana” (v.1). Ao final de seu chamamento, ele propõe uma última celebração: agora a da sua própria estupidez, “a estupidez de quem cantou esta canção” (v.60), porque ele já sabe que denunciar todo este mal, não provocará mudança alguma, revolução alguma. Ele sente estúpido por ter proferido todas aquelas palavras, ter apontado, racionalmente, as doenças que vê. Ele se sente em *desilusão*. Toda a esperança está agora morta, enterrada e sendo velada dentro de seu caixão em meio a uma festa.

3.7 O álbum *A tempestade ou o Livro dos Dias* (1996)

No último álbum *A tempestade ou o Livro dos Dias* (1996), o eu-lírico mergulha, por fim, no sentimento de completa *desilusão*: é o ápice do terceiro estágio do esclarecimento, quando, após toda uma vida de luta vã, ele compreende que o mundo é muito maior que ele.

É o término da vida, o término do que já foi juventude, força e resistência (“Dezesseis”). O término do amor, das paixões, (“Longe do meu lado”, ou “Mil pedaços”, ou “Quando você voltar”), entendendo que, no fim, apenas o pai e a mãe, antes objeto da rebeldia juvenil (“Pais e filhos), os amigos verdadeiro que tentou agastar por conta de sua arrogância (“Vinte e nove”) e seu filho, símbolo da inocência, permaneceram ao seu lado (“Esperando por mim”).

Mas diante de tantas perdas e desilusões, refletindo sobre a aventura que foi sua vida, ele mantém a consciência de seu esclarecimento, reafirmando que “quem pensa por si mesmo é livre / e ser livre é coisa

muito séria”, que “Não se pode fechar os olhos”, que “Não se pode olhar para trás / Sem se aprender alguma coisa pro futuro”. Diante da certeza de que “Nada é fácil / Nada é certo”, ele continua a entender que não se pode fazer do amor “algo desonesto”.

Nesta certeza de seu esclarecimento ele reafirma sua busca pela virtude de caráter sempre querendo “ser prudente”, “ser correto”, “ser contente”, “ser sincero”. Todavia, na certeza de seu esclarecimento ele reconhece sua solidão, querendo fugir correndo para o seu esconderijo, para assistir ao mundo pela distância da janela, sabendo que seu “sol é um só”, mesmo que mais alguém acorde pela manhã (“L’Avventura”).

Sabendo do término de sua vida, depois de todas as batalhas em seu íntimo, envolvido pelo redemoinho de acontecimentos e sentimentos que formam a tempestade de sua vida, estando “ausente o encanto antes cultivado”, resta a este eu-lírico, passar sua vida a limpo, escrevendo o seu “livro dos dias”, o livro das flores que plantou, o livro de seu destino e de seus amores (“Livro dos Dias”).

O último poema do último álbum, “O Livro dos Dias” é o reflexo de todo este trajeto de vida do eu-lírico e sua chegada ao ponto final da desilusão e do percurso do esclarecimento.

- 1 Ausente o encanto antes cultivado
- 2 Percebo o mecanismo indiferente
- 3 Que teima em resgatar sem confiança
- 4 A essência do delito, então sagrado
- 5 Meu coração não quer deixar
- 6 Meu corpo descansar
- 7 E meu desejo inverso é velho amigo
- 8 Já que o tenho sempre a meu lado
- 9 Hoje, então, aceitas pelo nome
- 10 O que perfeito entregas, mas é tarde
- 11 Só daria certo aos dois que tentam
- 12 Se ainda embriagado pela fome
- 13 Exatos teu perdão e tua idade
- 14 O indulto a ti tomaste como bênção
- 15 Não esconda tristeza de mim
- 16 Todos se afastam
- 17 Quando o mundo está errado
- 18 Quando o que temos
- 19 É um catálogo de erros
- 20 Quando precisamos de carinho
- 21 Força e cuidado
- 22 Este é o livro das flores
- 23 Este é o livro do destino
- 24 Este é o livro de nossos dias
- 25 Este é o dia dos nossos amores

O eu-lírico deste último poema se revela solitário, refletindo sobre sua vida, pensando sobre os sentimentos que outrora já nutriu e que agora já não existem mais. O cansaço do corpo pesa sobre ele enquanto seu coração ainda pulsa e se emociona, embora desejasse o inverso.

Ele lamenta a covardia de outros tempos que não possibilitou que mudanças acontecessem, que os sonhos se realizassem quando havia energia e idade para isto. Agora é tarde. E o indulto final que ele concede a si e aos outros que não estão mais ao seu lado chega como uma falsa benção para apaziguar o coração.

Como é próprio do sujeito esclarecido, ele não aceita que nada seja dele escondida, nem a tristeza ou qualquer sofrimento. Ele sabe que, nesses momentos, em que a alegria falta, todos se afastam, por não desejarem encarar o que a vida é de fato ou ajudar a outro que sofre ou aquele que erra.

Ao final, o que ele tem e nós temos é um “catálogo de erros”, nos fazendo lembrar tudo que sonhamos fazer e erramos em não tentar, tudo o que fizemos pelos motivos er-

rados e não deveríamos ter feito. Neste momento o que se precisa é de carinho, apoio e amor. Este é momento do eu-lírico folhear e ler o livro de suas flores, da sua juventude, do que fez de belo. Este é momento de rever se ele realizou tudo o que ele sonhou para a si mesmo, o que seria o seu destino. Este é momento de perceber se ele viveu seus dias da melhor forma que poderia. Este é momento de ler o livro em que escreveu como o seu bem mais precioso: o amor habitou sua vida.

Fontes secundárias:

ADORNO, Theodor W.; HORKEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAGÃO, Maria Lúcia. “Gêneros literários”. In SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ALVES, Elaine Cunha de Oliveira. *Diálogos poéticos de um legionário: intertextualidade nas canções de Renato Russo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c0e3d44a-bc2a-46dc-9a0f-db0c0abe0730/content>

BARTOLI, Jean. “Espiritualidade e conhecimento”. In: *GV executivo - Especial espiritualidade e gestão*, vol. 6, n. 6, nov./dez. 2007, p. 74-78. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/34743/33545/66773>. Acesso em 22 mar. 2024.

BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Casimiro Linarth. São Paulo: Marin Claret, 2017.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. “A intenção do *autor* na *intenção do texto*: equivalências semiológicas na obra de Renato Russo”. In *Graphos*, vol. 10, n. 2, João Pessoa, dez./2008, p.188-195.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. “Será que nada vai acontecer? Tempo e melancolia na poética da Legião Urbana”. In *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 45-70, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/1983-201X.74148>

GOMES, Cristiano Vinicius de Oliveira. “As letras de Renato Russo: do desespero, da desilusão à busca de um(s) sentido(s)”. In *Revista Chrônidas - Revista Eletrônica da Graduação e Pós-Graduação em História Universidade Federal de Goiás*, ano II, n. 05, Goiânia, p. 106-136, dez. 2009.

GRANGEIA, Mario Luis. “Redemocratização e desigualdades sociais segundo Cazuzu e Renato Russo”. In *Aurora: revista de arte, mídia e política*, n. 12, 2011, PUC, São Paulo. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/5889>

GULLAR, Ferreira. *Sobre arte sobre poesia: (uma luz do chão)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KANT, Immanuel et al. *O que é esclarecimento*. Tradução de Paulo César Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

LOPES, Marcos Carvalho. *Canção, estética e política: ensaios legionários*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

MARTINS, Geraldo Vicente. “Memória e afeto na letra da canção ‘Pais e filhos’”. In *Papéis - Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS*, vol. 19, nº 37, Campo Grande, 2015, p. 61 a 69.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Legião Urbana: Conscientização crítica e ensino de história*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Piauí. Parnaíba, 2022.

MUCURY, Julliany Alves. “Das transmutações do amor e da dor em tempos d’água: Renato Russo diz adeus”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 77-92.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

OZÓRIO Elisângela Maria. “Renato Russo e a cidade”. In *Opiniões: revista dos alunos de literatura brasileira*. Universidade de São Paulo, n. 9 (2016): Dossiê: Literatura e Cidade, 2016.

PAIVA, Ingrid Jeampietri; CALVANI, Carlos Eduardo. “Renato Russo e o desencanto político-existencial

dos anos 80”. In *Teoliterária*, ISSN-e 2236-9937, vol. 12, nº. 26, 2022, p. 76-102. DOI: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2022v26p76-102>

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PIRES, Flávia Teixeira Silva et al. “Análise literária da música ‘Tempo perdido’ e a liquidez de Bauman”. In *Revista Philologus*, Ano 28, n. 84, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2022, p. 331-340. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1324/1388>. Acesso em 02 abr. 2024.

PORTO EDITORA – *dragão (simbologia)* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-03-21 13:26:16]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$dragao-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$dragao-(simbologia)).

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 14. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 2005.

RIBEIRO, Aline Assumpção. “*Há tempos o encanto está ausente*”: *Legião Urbana no ensino de geografia*. Monografia de Pós-graduação Latu Sensu. PUC. São Paulo, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SANTOS, Kelly Fabíola Viana dos . “A épica pós-moderna em ‘Metal contra as nuvens’, de Renato Russo”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 93-102.

SANTOS, Maria Yonar Marinho dos. *A poesia urbana na Legião de Renato Russo*. Curitiba: Appris, 2020.

SIQUEIRA, Vinicius. “A Dialética do Esclarecimento – Adorno e Horkheimer: uma resenha”. In *Colunas Tortas*. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/a-dialetica-do-esclarecimento-adorno-e-horkheimer-uma-resenha/#:~:text=A%20Dial%C3%A9tica%20do%20Esclarecimento%20mostra,corpos%20e%20de%20suas%20almas>. Acesso em: 10 abr. 2024.

STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FRAGMENTOS

1.

A percepção de Maria Yonar Martinho dos Santos¹⁰¹ sobre a formação de um ciclo formado pelos álbuns da Legião Urbana, baseando-se, principalmente, nos poemas de Renato Russo como norteadores e identificadores das partes destes ciclos, revela também, “quase sem querer”, as relações do eu-lírico do poeta com a tese do esclarecimento. Ela relaciona os álbuns da Legião Urbana com os quatro períodos do tempo na cultura chinesa. Mas é possível também relacionar as fases da vida por ela percebidas na obra de Renato Russo com o percurso transcorrido por quem alcança o pleno esclarecimento.

Primeira estação: a *resistência*, caracterizada pelo estado pela idealização e rebelia ideológica que marcam a adolescência e o início da vida adulta.

¹⁰¹ SANTOS, 2016, p. 125.

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Sobre o autor:

ALESSANDRO ELOY BRAGA

é Doutor ~ com distinção e louvor ~ em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2001) e Licenciado em Letras-Português pela Universidade Católica de Brasília (1995). Foi bolsista CAPES. É poeta com dois livros publicados: «Conjugações do verbo amar» (2021) e «Alma Pública» (2016); ambos os livros realizados com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Como pesquisador e ensaísta publicou o livro «A poesia brasileira em dez atos» (2023) e os seguintes artigos: «A mitologia Greco-romana e a natureza nas representações do amor e do erotismo em Glaura de Silva Alvarenga» (2019); «A negação da autoctonia como cura para o miasma» (2017); «Perspectivas da autoctonia e suas relações com o trágico nas tragédias tebanas de Sófocles» (2017); «Autoctonia e manipulação política na República de Platão 414B-415D» (2015); «A genealogia cadmeia em Tebas» (2015); «Avaliação do ensino de Literatura por professores e estudantes do Ensino Médio» (2003).